

Especial

Aniversário de

148

Anos de

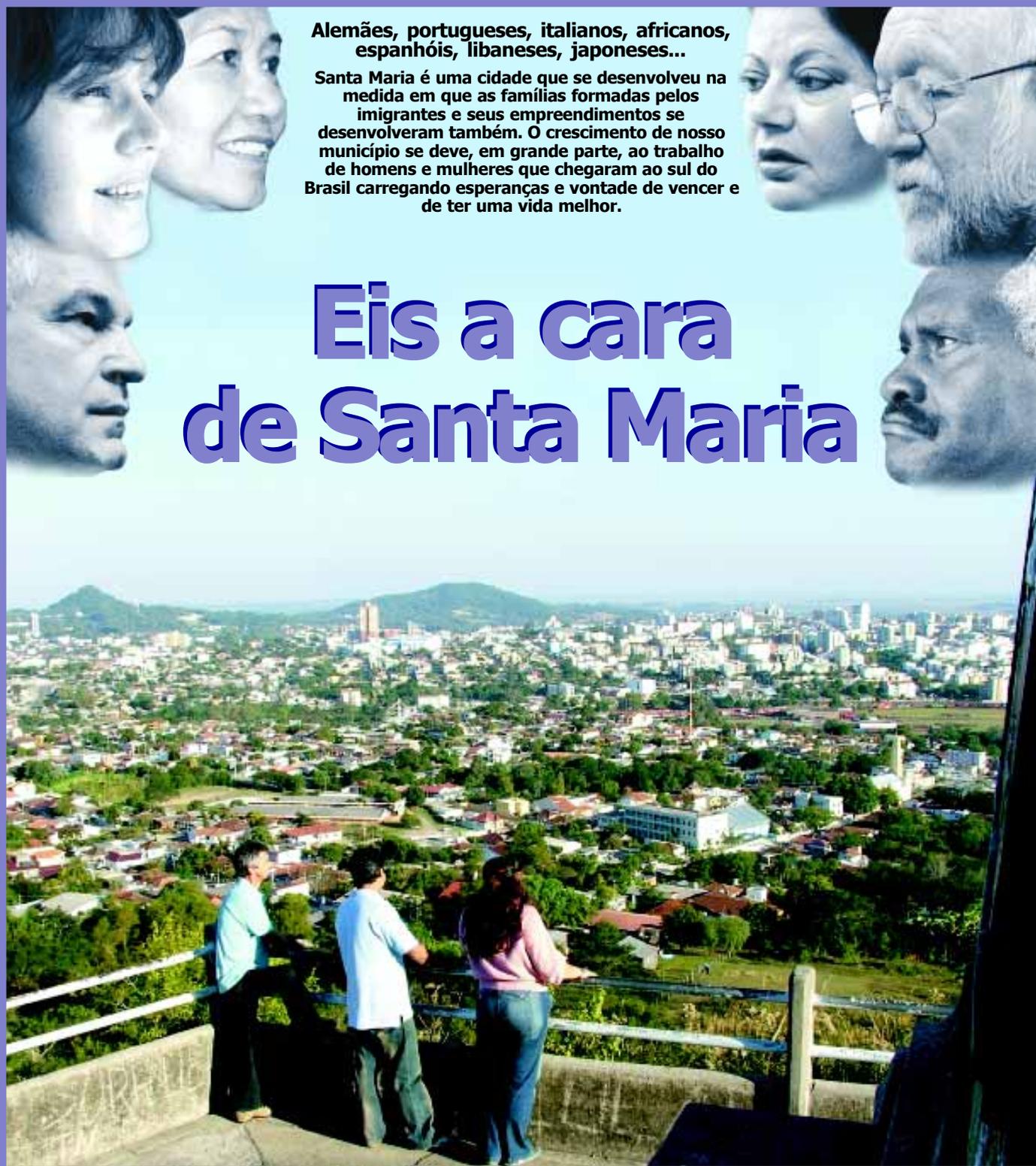
Santa Maria

Arte sobre foto: Eduardo Barreto/A Razão

**Alemães, portugueses, italianos, africanos,
espanhóis, libaneses, japoneses...**

Santa Maria é uma cidade que se desenvolveu na medida em que as famílias formadas pelos imigrantes e seus empreendimentos se desenvolveram também. O crescimento de nosso município se deve, em grande parte, ao trabalho de homens e mulheres que chegaram ao sul do Brasil carregando esperanças e vontade de vencer e de ter uma vida melhor.

Eis a cara de Santa Maria



Especial aniversário de 148 anos de Santa Maria

02

As várias etnias de Santa Maria

Vindos de diversos países, em busca de fortuna ou de uma vida sem perseguições, os imigrantes fizeram a história do município

Desde o início da formação do povoado que originou Santa Maria, a presença de colonizadores euro-

peus é registrada. Segundo João Belém, em seu livro História de Santa Maria, no final do século XVIII, data em que se estabeleceu, onde hoje é a Rua do Acampamento, a expedição da Comissão Demarcadora, já existiam açorianos vivendo no centro do Estado.

Os negros africanos começaram a chegar em maior número com o desenvolvimento das charqueadas e chegaram a representar metade da população rio-grandense em 1822. Eram em sua maioria originários de Angola. Grande parte dessa popula-

ção foi dizimada na Guerra do Paraguai e na Guerra dos Farrapos, chegando a cair para 25% do total da população da província em 1858.

Preocupado com a escassez de habitantes e a cobiça dos países vizinhos sobre o Sul do Brasil, o Imperador Dom Pedro I resolveu atrair imigrantes para a região, optando por alemães, conhecidos por serem trabalhadores e guerreiros. A população do interior do Estado era então formada, em sua maioria, por estancieiros e seus escravos. Mais de 30 mil alemães chegaram ao sul

do Brasil, sendo responsáveis pela instalação as primeiras indústrias no Rio Grande do Sul.

Imigrantes italianos também se estabeleceram no centro do Estado. Suas atividades eram basicamente agrárias, em pequenas propriedades, e artesanais. Aos poucos pequenos empreendimentos familiares começam a fomentar o crescimento da indústria, principalmente nos setores de alimentos, tecidos, móveis e calçados. No final do século XIX e início do século XX, começam a chegar ao Brasil imigrantes vindos da região da Síria

(onde atualmente é o Líbano), motivados pela perseguição religiosa. Em Santa Maria, os primeiros libaneses concentravam suas atividades produtivas no comércio, mantendo armazéns para venda de produtos industrializados, como tecidos, aviamentos, louças, e atuando como mascates, levando produtos para as propriedades rurais da região. Santa Maria também recebeu imigrantes do extremo oriente. No século XX, japoneses se estabeleceram no município.

Esta cidade que já foi centro ferroviário, hoje se transformou em movimentado polo cultural. É berço de grandes lideranças políticas. Embora não sejamos filhos desta terra, temos por seu povo respeito e admiração. Aqui temos muitos eleitores, amigos e companheiros políticos. Por isso, hoje, no aniversário da cidade, queremos estar presentes comemorando com sua gente a conquista de todo este desenvolvimento digno de orgulho para todos os cidadãos.

Deputado MARCO PEIXOTO



Santa Maria X São Paulo

A população de Santa Maria hoje é de 266.044 habitantes, que vivem em uma área de 1.780 km². Só para comparação, a cidade de São Paulo, a maior do país, tem uma população 41 vezes maior que a de nossa cidade. O interessante é que os 10.927.985 habitantes da capital paulista acomodam-se em uma área menor que a de Santa Maria (1.523km²).

Em outra comparação com São Paulo, percebe-se que Santa Maria, proporcionalmente, possui menos alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio do que a metrópole. Aqui, em 2003, 18,71% da população cursavam o antigo primeiro ou segundo grau, enquanto em São Paulo eram 19,54%.

A FACINTER faz parte do desenvolvimento de Santa Maria, colaborando com a educação e o ensino para que seja, cada vez mais, uma Cidade Cultura.

NO VAI-E-VEM DO CORAÇÃO, O MELHOR DA VIAGEM É SEMPRE ENCONTRAR VOCÊ.

No aniversário do Coração do Rio Grande, a homenagem da ATU ao povo santa-mariense.

ATU
Associação dos Transportadores Urbanos de Passageiros de Santa Maria



Av. Rio Branco, 510 B
Tel. 30265600 / 30265606

* Inscrições Abertas p/ o Vestibular de Inverno

TRIAGE

Especial aniversário de 148 anos de Santa Maria 03

Santa Maria também tem sangue italiano

Os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul no século XIX e fizeram famílias, cidades e história

Carolina Carvalho

O ano era 1884 e o cenário era de guerra na Região de Vêneto, norte da Itália. O país sofria com incontáveis invasões bárbaras que castigavam a população. Nessa época, o italiano Michelângelo Pasin tinha seus trinta e poucos anos, era soldado militar, casado e tinha dois filhos. A situação não era nada boa para ele, para sua família e nem para a pátria.

“Os confrontos acabaram com tudo. Não tinha trabalho, não tinha comida. O pão era reservado somente para pessoas muito doentes. Os demais comiam polenta, sopa”, conta o bisneto de Michelângelo, Neuton Antônio Pasin, 64 anos.

O frio intenso dos Alpes também dificultava a sobrevivência na região. “Não tinha lenha, era muito frio. Tanto que quando os italianos chegaram aqui ficaram impressionados com a quantidade de árvores que tínhamos e diziam ‘Quanta lenha!’. Para se aquecer, as famílias costumavam dormir com as vacas”, acrescenta ele.

Enquanto isso, a América era um lugar desconhecido, despovoado e promissor. Foi quando Michelângelo e muitos de seus compatriotas decidiram abandonar o país e tentar uma vida nova por aqui. Com a mulher e os dois filhos, ele embarcou na Itália, para nunca mais voltar. Meses depois,



Eduardo Barreto/A Razão

História | O bisavô de Pasin chegou em 1884 e não voltou mais para a Itália

chegou a Garibaldi. “Ele era colono. Derrubava árvore para fazer roça. Mas as terras mais planas já estavam com os alemães que chegaram 50 anos antes. Para os italianos sobrou a montanha”, relata Pasin.

De Garibaldi a família foi para Encantado, onde Pasin nasceu. Aos 24 anos ele veio para cá estudar Odontologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Hoje ele é presidente da Associação Italiana de Santa Maria e está sempre em contato com a cultura de seus antepassados. E em 1993, Pasin foi o primeiro da família a visitar a Itália desde que Michelângelo veio para cá.

“Meu bisnôno nunca voltou para a Itália. Naquela época era impossível voltar. Eles eram muitos pobres e quem pagava a passagem era o governo brasileiro. Muitos tinham a marca de “sem retorno” no passaporte. Quando fui, fiquei um mês por lá. A Itália é um museu a céu aberto”, conta ele. Pasin, que encontrou muitos parentes por lá, procurou as origens da família em cartórios e Igrejas italianas e garante que não teve muito trabalho. “Não é difícil achar sua origem em pesquisa genealógica no Rio Grande do Sul”, assegura ele. Dos costumes italianos, pouco sobrou com o passar das gerações. “Nós ainda mantemos a gastronomia, com algumas adaptações, alguns cantos. Mas muita coisa se perdeu”, acrescenta ele.

centa Pasin.

Agora o filho dele, Marcelo Pasin, 39 anos, está estudando e morando na Itália. Mas pretende retornar em breve. Não faz parte dos planos da família voltar ao local de origem e morar na Itália. “O melhor lugar de se morar no mundo é aqui, onde nós estamos morando. Apesar dos nossos políticos, aqui ainda é o melhor lugar”, garante Pasin.

A origem da Miss - A família da santa-mariense Rafaela Zanella, Miss Brasil 2006, também é italiana. Os antepassados dela vieram da região de Friulli, também ao Norte da Itália. Sofrendo da mesma forma com a guerra, a fome e o frio, Marco Luca Zanella chegou ao Brasil por volta de 1886, muito jovem ainda. Deixou um irmão na Itália e formou família aqui, em Ivorá, onde hoje está enterrado.

“Meu bisavô morou a vida toda em Ivorá. Depois meu avô foi para a região de Erechim, em um município chamado Severiano de Almeida. Meu pai foi para Frederico Westphalen e eu vim para Santa Maria”, conta o presidente do do Circolo Friulano e pai de Rafaela, José Zanella. Os Zanella daqui já estiveram na Itália e encontraram os parentes por lá. Os de lá também vieram para cá e se encantaram. “Eles ficaram admirados com a nossa maneira aberta e sociável de ser”, acrescenta ele.

Colonizaram o Brasil os que sobreviveram à viagem

Arquivo/A Razão

Os italianos do norte, durante o século XIX, sofreram as consequências das revoluções e guerras. O cenário era de grande pobreza, e o povo era vítima dos resquícios de uma sociedade feudal, em que os camponeses não tinham dinheiro



Colonos | Italianos que sobreviveram à viagem, formaram famílias aqui para pagar impostos e dívidas. Além disso, a taxa sobre a farinha era alta, mais de 70.000 propriedades rurais foram confiscadas, a miséria era cada vez maior, as condições da saúde eram precárias e a mortalidade infantil era muito alta. Em vista disso, os italianos foram atraídos pela oportunidade de emigrarem para a América, esperançosos de construir uma nova vida.

Já por aqui, a densidade demográfica era muito pequena. O governo imperial brasileiro, preocupado com o desenvolvimento do país, criou um programa de imigração e formação de colônias. Para isso, passou a contratar empresários que trouxessem pessoas (100.000 a princípio) de alguns países da Europa, entre os quais estavam os camponeses do norte da Itália. Cada empresário recebia uma quantia em dinheiro que variava de acordo com o número e a idade dos imigrantes. Os estrangeiros tinham que ter mais de dois anos e menos de 45. O recrutamento era feito em diversas cidadelas italianas. Eles embarcavam nos portos de Le Havre - na França e, de Gênova e Nápoles - na Itália.

As primeiras expedições de imigrantes, no ano de 1874, desembarcaram no Estado do Espírito Santo, formando várias colônias naquela região. Foram desembarcando também no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As primeiras embarcações eram barcos à vela, substituídos pelos “vapores”, poucos anos depois. A viagem durava de um a dois meses e os navios vinham abarrotados de gente. Muitos imigrantes morriam na viagem e eram lançados ao mar. A comida era escassa e as condições de higiene eram péssimas. As pessoas vinham em meio à carga, o mau-cheiro era forte e todos estavam sujeitos às epidemias, principalmente à varíola e à febre amarela.

Os imigrantes chegaram trazendo roupas, utensílios de cozinha, fotografias e seus documentos. As mulheres usavam vestidos e, os homens, calça, camisa, chapéu e, muitas vezes, uma argola de ouro (brinco) na orelha, demonstrando que eram imigrantes vindos da Europa. Todos falavam seus dialetos.

Vêneto e Friulli: berços da imigração

O Vêneto fica ao norte da Itália. É uma região diversa, caracterizada por planícies e uma paisagem que inclui lagos e uma parte dos Alpes. É uma terra de um povo de origem e cultura fortes. De lá vieram inúmeros imigrantes para o Brasil. Gran-

de parte deles se instalou aqui no Rio Grande do Sul. Resquícios dessa imigração permitem encontrar, aqui no Sul, brasileiros descendentes de italianos das mais diferentes idades, que ainda falam fluentemente o dialeto Vêneto.

Também localizada ao Norte da

Itália, na fronteira com a Jugoslávia e Áustria, a região Friulli Venezia Giulia sofreu ainda mais com as invasões bárbaras. Consequência das incontáveis guerras foi a debandada em massa dos Friulanos para o Brasil, em especial para o Rio Grande do Sul.

ASSOCIAÇÃO ITALIANA DE SANTA MARIA

“Temos orgulho de colaborar para e formação étnica de Santa Maria e participar de seu crescimento nestes 148 anos de muito trabalho e realizações.”

SANTA MARIA
CIDADE DA CULTURA E EDUCAÇÃO.
TERRA DO TRABALHO, ALEGRIA E CONHECIMENTO.

17 de maio.

148 ANOS DE EMANCIPAÇÃO, CONQUISTAS E DESENVOLVIMENTO.

Parabéns

FABIANO PEREIRA

A luta dos alemães que vieram para o Brasil

Mesmo abandonados pelo governo brasileiro, imigrantes germânicos prosperaram no sul do país

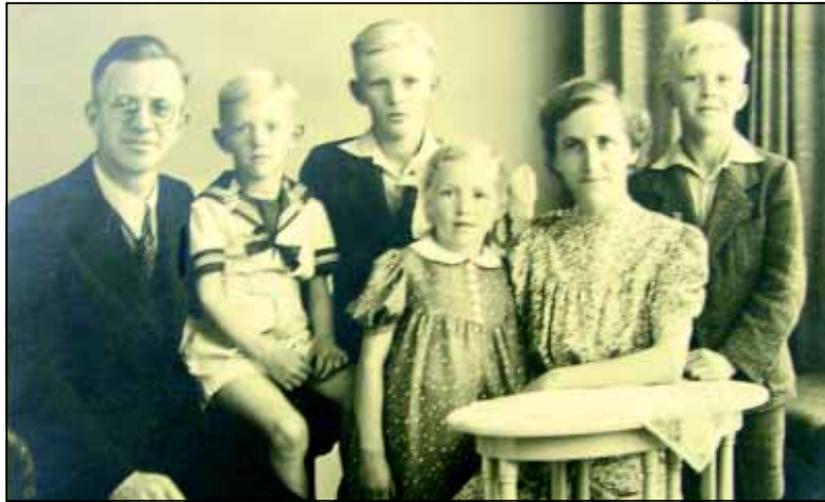
Ranice Pedrazi

Os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil no século XIX deixaram sua terra natal com a promessa de receberem terras e apoio necessário pelo governo para prosperarem. O que aconteceu foi o abandono de um grupo de imigrantes, em áreas cobertas por mata nativa, sem receberem os insumos necessários para começar a produzir.

Nos primeiros 50 anos de colonização, mais de 30 mil alemães chegaram ao Rio Grande do Sul. Eles se agruparam em diversas colônias rurais, recriando em terras brasileiras o ambiente que deixaram na Alemanha, mantendo as tradições germânicas. Foram os alemães que deram os primeiros passos da indústria brasileira.

No século XX, principalmente após a Primeira Guerra Mundial, uma nova leva de europeus busca no continente sul-americano, uma chance de recomeçar. A família Lippold, uma das mais tradicionais de Santa Maria, é um exemplo. Segundo Horst Oscar Lippold, seu pai, Fritz Lippold, tinha 18 anos quando decidiu deixar sua terra natal, Weissendorf, na Alemanha.

Fritz partiu de Hamburgo e aportou em Paranaguá, no Paraná. A viagem para o sul do



Família Lippold | Foto tirada em 1941, durante o tempo em que estiveram na Alemanha

continente foi a cavalo. Como era marceneiro, Fritz Lippold trabalhava durante algum tempo nas cidades onde passava até juntar dinheiro suficiente para trocar de cavalo e seguir viagem. Em um dado momento, conheceu outro imigrante, também natural da Alemanha, que tencionava ir para a Argentina. Sem uma profissão, Paulo Fleig não tinha meios de prover o próprio sustento e passa, então, a acompanhar Lippold.

Horst não sabe precisar quanto tempo durou a travessia, mas estima que alguns meses se passaram até que os dois amigos chegassem a Santa Maria. Ambos conheceram duas moças, filhas de imigrantes alemães, e acabaram se estabelecendo na cidade.

Fritz Lippold fabricava brinquedos de madeira, no local onde funciona hoje uma filial das Lojas Colombo, no calçadão da Rua Dr.

Horst
Filho de Fritz Lippold conta a trajetória do pai, natural de Weissendorf, que veio para Santa Maria após a 1ª GG



Bozzano. Elza Grau Lippold cuidava dos quatro filhos do casal, Ronaldo, Ruth, Horst e Walter.

Em 1938 Lippold decide voltar para a Alemanha, à passeio, levando a esposa e filhos para visitar familiares que haviam ficado no velho continente. Ao chegarem lá, tem início a 2ª Grande Guerra, o que impossibilitou o retorno para o

Brasil. "A viagem de passeio durou dez anos", afirma Horst. "Nesse período, moramos em uma cidade do interior da Alemanha e com os percalços de toda guerra, ficamos sem poder sair da cidade", conta.

Em 1947, a família Lippold conseguiu fugir da área ocupada pela Rússia para Berlim. "Saímos de casa com 25 graus abaixo de zero,

cada um somente com um cobertor e alguns pertences. Não era permitido sair da área russa", diz Horst.

Os filhos de Fritz Lippold vão então para um centro de refugiados estrangeiros, em Berlim, onde a permanência de Lippold não é permitida por ser natural da Alemanha. Horst relata que sua mãe também não ficou no centro, mesmo sendo brasileira de nascimento. Como os pais não tinham alimentação, nem meios para se sustentar na Alemanha pós-guerra, os filhos, principalmente o mais velho, guardavam parte dos alimentos que recebiam para os pais.

Horst contava então com 14 anos e foi, juntamente com seus irmãos, separado de seus pais. Sem falar português, ele e os irmãos saíram de Berlim para Hamburgo, onde pegaram o navio Santarém com destino a Recife. Ao chegarem em Recife, foram recebidos por um irmão de sua mãe, que morava na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. O tio de Horst (pai do atual Ministro do Tribunal Superior Eros Roberto Grau), hospedou os sobrinhos por vários meses. "Estávamos praticamente só com a roupa do corpo. A família Grau nos deu todo o apoio", lembra.

Um ano mais tarde, Fritz e Elza retornam ao Brasil. Seus filhos já estavam em Santa Maria, na casa de parentes há algum tempo. Ao chegarem em Santa Maria, fundaram a Fábrica de Móveis Fritz Lippold e Filhos Ltda, uma marcenaria conhecida pela boa qualidade dos móveis que fabricava. "Até hoje as pessoas têm móveis feitos na nossa fábrica", comenta Horst Lippold.

Orgulho desta terra

Santa Maria me ensinou a lutar pelas causas JUSTAS e em mais de 20 anos em defesa do produtor rural, aprendi que RESPEITO é algo que se CONQUISTA. Aqui tive apoio, tive repouso e renovação das forças para seguir em frente. Hoje, com meus irmãos santamarienses, de nascimento ou de adoção, comemoramos o aniversário de nossa cidade. Tudo o que faço é para que Santa Maria possa se orgulhar de mim, tanto quanto me orgulho em ser filho desta terra.

Rodrigo Menna Barreto

Um galego tentando a sorte no Brasil

José Pena chegou ao Brasil em 1956. O primeiro destino foi Curitiba. Em 1968, o destino foi Santa Maria

José Cabaleiro Pena partiu da cidade de Negreiros, na região espanhola da Galícia, em 1956. O navio, que partiu do Porto de Vigo, tinha como destino o Porto de Santos. Após um mês de viagem, ele chegava ao Brasil, terra onde esperava viver dias melhores do que os que passara em seus 27 anos de vida na Espanha. Lá, havia servido ao Exército e trabalhado em uma carvoaria, além de ajudar a família na lavoura.

De Santos, José foi para Curitiba. Ele conhecia a cidade através de cartas escritas por espanhóis da Galícia que já haviam vindo para o Brasil tentar a vida. Chegando ao Paraná, começou a trabalhar em uma fábrica de calçados. Em seguida, iniciou em um novo emprego como confeitiro. Na confeitaria, conheceu sua futura esposa. "Eu era balconista e ele confeitiro. Mas funcionários não podiam namorar, por isso a gente namorava escondido", conta Nádia Pena, viúva de José.

Mas, ao contrário do que havia planejado, após 10 anos vivendo no Brasil, o espanhol não havia conseguido juntar dinheiro. Por isso, José resolveu partir em uma nova aventura. Em 1967, foi para o Canadá. Sem saber falar inglês direito, o galego se virou como



Copacabana | A confeitaria foi aberta em 1968 por José (segundo à direita) e Nádia

pôde na cidade de Montreal. O objetivo era o mesmo que no Brasil: melhorar de vida.

José permaneceu um ano e oito meses em Montreal, onde trabalhou em uma fábrica de parafusos e em uma exposição. "Como ganhava em dólar, consegui guardar um pouco de dinheiro para voltar", diz Nádia. E foi isso que ele fez.

A decisão de voltar para o Brasil veio depois de receber a carta de um amigo espanhol. O também galego Jesus José Maria Ocampo Otero já morava em Santa Maria, onde abriu as lojas Paraíso Infantil. Na carta, ele contava a José de uma confeitaria à venda na cidade.

Retorno planejado, José escreveu para a namorada contando seus novos planos e avisando que estava voltando para o Brasil. Ele chegou em Curitiba em 31 de julho de 1968 e casou-se com Nádia 20 dias depois, em 21 de agosto. No dia se-

guinte, já estavam em Santa Maria.

Os planos começavam a ser concretizados. A Confeitaria Copacabana foi inaugurada dias depois. Durante os próximos 21 anos ela seria a principal ocupação do casal. "No início eu tinha vontade de chorar. Não conhecíamos ninguém aqui. Só não era pior porque não tínhamos tempo para pensar nisso", recorda. A filha, Alison Pena, viria em 1971.

Em 1984, José retornou para a Espanha pela primeira vez. No ano seguinte, pai, mãe e filha foram juntos para a terra de origem do patriarca. Em 1989, o casal se aposentou e vendeu a Confeitaria, que ainda existe no Calçadão.

Em 1999, José Cabaleiro Pena faleceu. "Até hoje eu não sei de onde ele tirou coragem para fazer tudo o que fez. Mas a gente não pergunta na hora certa e depois não adianta. Eu me pergunto isso até hoje", fala Nádia.

Imigração espanhola

A presença espanhola em terras brasileiras acontece desde o início da colonização do Brasil. Porém só se pode falar de uma efetiva imigração de espanhóis para o Brasil a partir do final do século XIX.

A imigração espanhola está inserida nas grandes imigrações de europeus para o Brasil. Os destinos preferidos dos espanhóis eram a Argentina, Uruguai e Cuba. Embora não tenha sido uma colônia espanhola e não manter laços culturais com a Espanha, o Brasil acabou por se tornar um dos maiores receptores de imigrantes espanhóis.

A falta de mão-de-obra que se instalou no Brasil com o processo da abolição da escravidão e a superpopulação e a fome que assolaram a Espanha no final do século XIX foram responsáveis pelo início da vinda de milhares de espanhóis para o Brasil.

A imigração espanhola no Brasil concentrou-se sobretudo no estado de São Paulo, que atraiu cerca de 70% dos imigrantes hispânicos e ficou marcada principalmente pela divisão dos espanhóis: os galegos se fixaram nas cidades, enquanto os andaluzes se dedicaram à colheita de café em São Paulo.

A vinda de espanhóis foi grande até a década de 1930. Estima-se que até então tenham entrado no Brasil mais de 700 mil espanhóis, ficando atrás apenas dos italianos e portugueses.



Galícia | José viveu na Espanha até os 27 anos



"Nesta data especial, quero expressar publicamente meu carinho por Santa Maria. Uma cidade que progride a cada dia graças à mobilização da comunidade e ao esforço do Poder Público. Somente através da valorização do bem comum poderemos vislumbrar uma cidade mais justa. Por isso, nesses 148 anos de vida, quero dar os parabéns a todos que ajudam a construir a bela história de nossa cidade"



Uma escolha do coração

Há 45 anos, Joaquim Lito deixou Portugal para viver em Santa Maria, onde se estabeleceu e constituiu família



Paulo Pires / A Razão

Elisete Tonetto

Os motivos são muitos. A necessidade de melhores condições de vida e sucesso, pelo mito da fortuna e da propriedade. Para Joaquim Pereira Lito, 60 anos, a escolha pelo Brasil, há 45 anos, ficou por conta do coração. “Tinha colônias portuguesas na África, Moçambique e Angola. A minha escolha foi pelo Brasil”, explicou. Português da região de Aveiro, a poucos quilômetros de Coimbra, Joaquim vivia na localidade de Águida, com seus pais, conhecidos produtores de vinho e azeite.

Ele conta que deixou sua terra natal para fixar-se na ci-

Joaquim | “Não pensaria duas vezes se tivesse que repetir a escolha feita há quarenta anos”

dade de Santa Maria, quando ainda tinha 17 anos de idade. O primeiro trabalho foi no restaurante de um amigo, onde funcionava a primeira Estação Rodoviária de Santa Maria, na Avenida Rio Branco. Após alguns anos como garçom, Joaquim, adquiriu seu próprio estabelecimento, o tradicional restaurante Vera Cruz, localizado na Floriano Peixoto. Aqui constituiu família e amizades sólidas e formou seus dois filhos, Marco Antonio, hoje com 32, e Márcia, 25, em Odontologia.

A esposa de Joaquim, Maria Alice Farias Pereira, hoje com 52 anos, tinha pouco mais de oito meses de idade, quando desembarcou no Brasil com sua família, se estabelecendo na cidade do Rio de Janeiro. Eles se conheceram durante uma visita que ambos fizeram a parentes, em Águida, onde a mãe de Joaquim, Cidália, 85 anos, vive até hoje.

“É claro que senti saudades da família. Mas a adaptação foi rápida. Santa Maria é uma cidade que acolhe a todos e que cresceu em tamanho e amizades”, comenta. Para ele, o restaurante é um local democrático onde todas as classes se encontram, onde é possível saborear um ótimo filé, os famosos bolinhos de bacalhau, sem esquecer é claro, dos vinhos. “Uma casa portuguesa, com bacalhau, pão e vinho sobre a mesa”, referindo-se a uma canção portuguesa que aprendeu quando ainda adolescente.

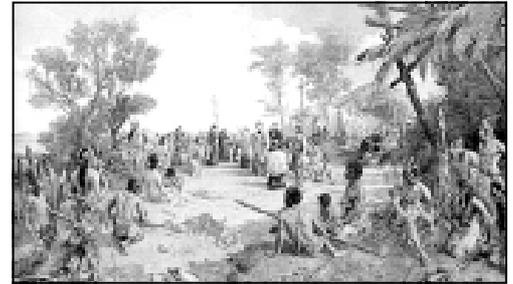
De jeito alegre, divertido, “popular”, como ele mesmo se considera, Joaquim, disse que fosse preciso, não pensaria duas vezes em repetir a escolha feita há mais de quatro décadas.

Índios: os primeiros habitantes

A ânsia de fazer fortuna arrastou homens civilizados para os campos do Rio Grande do Sul. Mas o solo cobiçado pertencia, de fato, a grandes tribos de índios cavaleiros, entre as quais predominavam a dos Minuanos, a dos Charruas e a dos Tapes. Enquanto os Guaranis ficaram mais submetidos à catequese jesuítica nas Missões, os Minuanos, Charruas e Tapes, preferiram as campinas do sul, fugindo dos bens intencionados missionários que pretendiam fazê-los diferentes do que eram.

A origem de Santa Maria passa por duas tribos indígenas, a dos Minuanos e a dos Tapes que habitavam a região. De 1801 a 1803 recebeu Santa Maria um contingente de Índios. Cerca de cinqüenta famílias de Guaranis, descendo das Missões orientais, vieram ali levantar seus ranchos em um descampado que é hoje avenida Presidente Vargas (também já chamado Rua Ipiranga). Na época, o lugar que ocupavam era chamado de Aldeia.

Os Minuanos habitavam parte do território relativo à zona de campanha, mais precisamente na Coxilha de Pau Fincado. A maior parte dos habitantes, entretanto, era representada pelos Tapes que viviam na mata da Serra.



148 ANOS + UMDIA.

Santa Maria, amanhã a gente vai seguir contando tua história.

A RAZÃO

Há mais de 70 anos, o jornal que é nosso, é daqui.

Libaneses vêm para SM por motivos religiosos

Imigração não foi subsidiada e aconteceu de forma encadeada. As famílias não vinham juntas para o Brasil

Entre os anos de 1841 e 1864 a região da Síria (não existia ainda a divisão entre Síria e Líbano) estava sob o domínio Turco Otomano. O período era marcado por conflitos de ordem religiosa entre os cristãos maronitas e os drusos e culminou com um grande massacre dos cristãos, em 1860. De acordo com Neida Morales, professora da Universidade Federal de Santa Maria, o serviço militar obrigatório muito longo para os cristãos, motivava a saída de jovens da Síria.

A vinda para o Brasil, que atualmente é o país com o maior contingente de descendentes de libaneses do mundo (cerca de 7 milhões), atendeu a um convite feito pelo imperador D. Pedro II. Admirador da cultura árabe, D. Pedro visitou a região da Síria,



Social | Clube Sírio-Libanês foi uma entidade extremamente ativa até 1960

fazendo uma espécie de propaganda sobre o Brasil.

A imigração dos libaneses não foi subsidiada e aconteceu de maneira encadeada. Segundo Neida, um membro de cada família vinha para a América, se estabelecia e depois de algum tempo buscava os familiares.

Santa Maria foi escolhida pelas famílias Abelin e Ceccin, que vieram para o Brasil no final do século XIX e início do século XX, respectivamente, por ser um pólo comercial, estimulado pela viação férrea. "Era atrativo porque eles não eram imigrantes rurais. Eram do comércio", salienta a professora.

João Antonio Abelin, montou um armazém onde hoje é a sede do bispado. Outros libaneses trabalhavam como mascates, levando produtos industrializados, tais como tecidos, aviamentos e louças para propriedades rurais. "Nessa época começou a venda a prazo. Os produtos eram deixados nas fazendas e cobrados na próxima visita do mascate", explica.

A comunidade libanesa prosperou muito em Santa Maria, mantendo intensa atividade social, até a década de 60, com o Clube Sírio-Libanês. A entidade mudou de perfil em 1963, quando passa a ser Sociedade Cultural.

Suiços e franceses vieram para o sul

Em 1875, 34 famílias deixaram a região de Valoais, na Suíça, quase fronteira com a França, mais especificamente dos municípios de Sion e Charrat. Se radicaram em Montenegro, onde hoje é a Linha 4 do município de Santa Clara, onde é preservado um museu da imigração suíço-francesa.

Juntamente com estas 34 famílias, vieram para o Estado os bisavós do técnico agrícola da Secretaria de Desenvolvimento Rural, Fernando França Southier, 52 anos. É ele quem conta as histórias da imigração suíço-francesa em Santa Maria. "Aqui, quase não se encontram suíço-franceses", revela. "Nossos antepassados não deixaram grandes marcas, mas influenciaram um pouco na gastronomia, vinhos e pela cultura de trabalho", argumenta. A maioria das histórias que conhece, o técnico agrícola escutou de seu pai, Theophilo Southier (na foto sentado à esquerda). "Ele veio para Santa Maria com 26 anos para trabalhar como ferroviário", lembra. Casado com a



Arquivo Pessoal/A Razão

uruguaia Alta de Lima França, que conheceu quando trabalhava na edificação da ponte sobre o Rio Ibirapuitã, em Alegrete, foi transferido para o município em 1938, onde teve quatro filhos: Justo Erasto e Fernando, em seu primeiro casamento, e Maria Alice e Lisiane, numa posterior união matrimonial.

Presença negra em SM

Estima-se que cerca de 15% da população de Santa Maria seja afro-descendente, ou seja, formada por negros e pardos. Esse percentual corresponderia a aproximadamente 50 mil pessoas.

Conforme informações da Coordenadoria de Políticas Públicas para Comunidade Negra, órgão vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social, os negros vieram para o município como escravos por volta de 1835 trazidos pelos portugueses para trabalhar na agricultura e pecuária. "A partir da chegada dos imigrantes em Santa Maria, por volta de 1850, os negros foram excluídos do processo de acesso à terra. Só em 1940 eles ganharam acesso formal a escola", comenta Dilmar Lopes, coordenador de Políticas para Comunidade Negra.

Segundo ele, os negros sempre contribuíram para o desenvolvimento da cidade através da sua força de trabalho, inicialmente no meio rural e depois na área militar e no setor ferroviário. O Quilombo de Palma, localidade situada no interior do município, e o bairro do Rosário, são identificados como pontos de Santa Maria com raízes e forte presença da comunidade negra.

A vinculação do bairro com essa parcela da população santamariense é confirmada por relatos. "Minha mãe frequentou a Igreja do Rosário e contava que no início ela era frequentada só pela comunidade negra", informa a professora aposentada Nelly Silva, 79 anos, que reside na Rua Visconde de Pelotas.

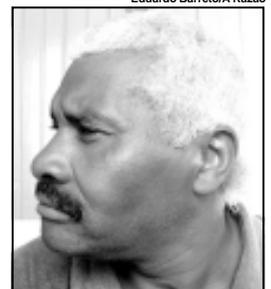
Muitas famílias negras moraram onde hoje é o bairro do Rosário e no qual foi construído, e até hoje está sediado, o Clube 13 de Maio que se tornou uma referência da comunidade negra e ferroviária da cidade. Atualmente transformado em museu, o 13 de Maio foi fundado por negros que trabalhavam na Rede Ferroviária Federal e era um clube fechado para brancos. "Os negros da ferrovia eram mais do bairro Rosário", destaca dona Nelly. Outro clube local vinculado com a raça foi o União Familiar, localizado na Barão do Triunfo. "O União Familiar era mais aberto, o 13 de Maio era fechado à comunidade negra, principalmente a ferroviária. Já o União era para todos os negros que quisessem ser sócios. O 13 era fechado ao ferroviário, era mais do chamado "negro fino" de Santa Maria, tinha que ir lá muito bem vestido", lembra Nelly Silva.

A atividade carnavalesca dos dois clubes era famosa e até motivo de rivalidade entre ambos e, posteriormente, originou o surgimento das escolas de samba de Santa Maria, como a Vila Brasil.

O servidor público Vanderlei da Costa Bonacho, 55 anos, é um típico santa-mariense afro-descendente. Morador do bairro Itararé, ele é originário de uma família cujo pai foi ferroviário e que residiu por muitos anos no bairro do Rosário. "Tive uma avó que foi escrava e morreu com 105 anos, ela trabalhou como cozinheira de fazenda", conta. Funcionário da Câmara de Vereadores há 29 anos, Bonacho é ligado a Vila Brasil, foi jogador do Riograndense quando tinha aos 22 anos. Pai de dois filhos e casado há 30 anos com Gilda Maciel Bonacho,

ele salienta que nunca teve que enfrentar problemas causados pelo racismo. Já sua mulher acredita que em Santa Maria, como em qualquer outro lugar, os negros continuam sendo preteridos em algumas ocasiões. "O branco tem mais chances, principalmente em relação a oportunidades de trabalho eles têm a preferência. A questão do emprego é mais difícil para o negro, que mesmo tendo a mesma qualificação muitas vezes é preterido por brancos", ressalta Gilda Bonacho.

(Elisa Pereira)



Eduardo Barreto/A Razão

Bonacho | "Tive uma avó que foi escrava. Ela trabalhou como cozinheira de fazenda"

A OAB, em nome de todos os advogados que aqui militam, parabeniza Santa Maria pelos seus 148 anos de existência. E deseja que a Cidade Cultura, assim como cidade universitária, religiosa, militar... continue caminhando sempre adiante para o bem de seus cidadãos, nascidos ou não aqui, mas que escolheram Santa Maria para viver. Afinal, são os cidadãos que transformam a cidade no que ela é!



Feliz Aniversário,
Santa Maria!

Santa Maria de olhos puxados

Famílias de origem japonesa, da cidade de Kumamoto, chegaram ao sul do Brasil em 1957

Marcos Jorge

Em abril de 1957 chegava ao Rio Grande do Sul, mais especificamente na Fazenda São Pedro, na cidade de Uruguai, cerca de 32 famílias de origem japonesa, vindas da cidade de Kumamoto. Dentre os imigrantes estava a família Murakami, que 10 meses depois viria para a cidade de Santa Maria, acompanhada de aproximadamente 17 famílias de mesma origem. O cenário daquela época era de festa, já que a cidade comemorava o seu centenário naquele ano.

Tadayoshi e Tomeko Murakami decidiram abandonar o Japão devido a devastação do país após a Segunda Grande Guerra Mundial e aproveitar a boa oferta do Brasil para atrair imigrantes. Eles chegaram a Santa Maria com três filhos, Toyoko, Shoichi e Reiko Murakami. Para se estabelecer na cidade centenária, os Murakami tiveram o apoio do comerciante local, Augusto Martins, dono de restaurantes e que cedeu a família emprego na lavoura plantando frutas, verduras e legumes. Para eles havia ape-

na uma pequena barreira, aprender a língua e se adaptar aos costumes brasileiros, muito distantes da cultura japonesa.

Quem conta a história dos Murakami é Toyoko, uma apaixonada por Santa Maria. "Tínhamos que trabalhar muito para erguer as nossas casas. Inicialmente iam às feiras livres vender o que colhíamos e ainda preparávamos parte da colheita para o restaurante do Augusto. Gosto tanto de Santa Maria que quando vou a Japão e fico duas semanas já me dá vontade de retornar para cá", se orgulha.

De acordo com Toyoko as famílias nipônicas seguiam dois caminhos. Alguns preferiam lidar na lavoura e outros acompanhar o crescimento do comércio. No caso dos Murakami, houve a associação das duas coisas. Em 1960, a família montou uma banca de verduras e legumes no antigo Mercado Itaimbé, e forneciam os hortifrutis para os quartéis, hospitais e alguns restaurantes da cidade.

O negócio prosperou durante muitos anos até o surgimento dos primeiros supermercados, que se tornaram vilões para os Murakami. Em 1970, eles se viram obrigados, devido a concorrência desses estabelecimentos, a mudar de negócio e criaram a atual Floricultura Yamamoto. "No início foi difícil, mas acabei me acostumando com o povo, e hoje acho que já sou bem brasileira", comenta Toyoko que assumiu o



Murakami | Famílias japonesas chegaram ao Brasil em abril de 1957

sobrenome Yamamoto, ao se casar com Shigeki.

Hoje Toyoko mora no bairro Nossa Senhora de Lourdes, mas quando chegou ainda não havia muitas casas. "Fomos a quinta família a povoar o bairro", conta. Desde que chegaram a Santa Maria os japoneses se reúnem anualmente, na primeira quinzena de janeiro, na casa do atual presidente da Colônia Japonesa em Santa Maria, para debater assuntos relacionados aos costumes nipônicos.

De acordo com o presidente da Colônia Japonesa em Santa Maria, Holonobu Suwa, as outras 15 famílias japonesas que desembarcaram em Uruguai em 1957, também partiram para outras cidades como Cruz Alta, Dom Pedrito, Rio Pardo, além de Porto Alegre e São Paulo.

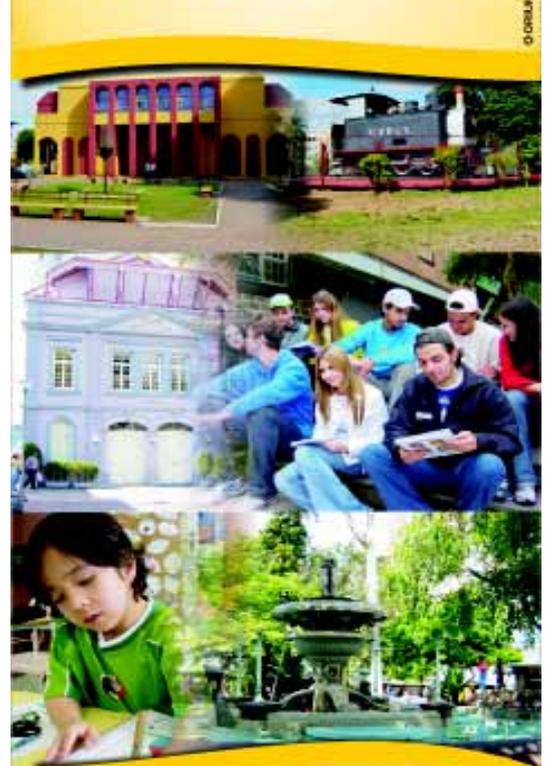
Japoneses no Rio Grande do Sul

Quando chegaram ao Brasil: abril de 1957

Quando chegaram a Santa Maria: fevereiro de 1958

Quantas famílias vieram: 32, sendo que 17 delas se estabeleceram em Santa Maria. As demais foram para Cruz Alta, Dom Pedrito, Rio Pardo, além de Porto Alegre e São Paulo.

Parabéns Santa Maria!



148 anos de Progresso

Uma homenagem:



Colégio Centenário Metodista

(51) 3028-7000 | Rua Dr. Rui 2002 - Bairro Pinaris - www.lanis.br

PARABÉNS PELOS 148 ANOS DE EMANCIPAÇÃO DE SANTA MARIA CAPITAL INTERNACIONAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA. ECONOMIA ÉSTA QUE SE CONSTRÓI A PARTIR DE EVENTOS DO COOPERATIVISMO E DA ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL.

PROJETO ESPERANÇA - COOPERATIVISMO
DIÓCESE DE SANTA MARIA

"UMA OUTRA ECONOMIA ACONTECE"

